

PAISAGENS NA *GEOGRAFIA* DE ESTRABÃO: o caso de Alexandria (I a.C.-I d.C.)

Alaide Matias Ribeiro¹

Artigo recebido em: 22/11/2022.

Artigo aceito em: 31/03/2023.

RESUMO:

A *Geografia* de Estrabão (I a.C.-I d.C.) é uma descrição do mundo afro eurasiático antigo. Dentre as corografias que compõem os quinze livros da obra é na última que observamos a descrição do que hoje denominamos norte e nordeste da África e, especificamente, o relato sobre Alexandria. Considerando as abordagens que podem ser feitas na análise do texto, a espacial se destaca por dialogar com o foco temático da obra: o espaço geográfico. Destarte, consideramos que a instrumentalização de conceitos espaciais, como “lugar”, de Yi-Fu Tuan (1983), e, particularmente, “paisagem”, de Tim Ingold (2000; 2015), pode ampliar a perspectiva sobre a fonte histórica. Portanto, abordamos o caso da cidade de Alexandria para apresentarmos como se efetiva a interpretação do texto a partir da paisagem.

PALAVRAS-CHAVE: Lugar; Paisagem; Estrabão; *Geografia*; Alexandria.

LANDSCAPES IN STRABO'S *GEOGRAPHY*: the case of Alexandria (I BC-I AC)

ABSTRACT: Strabo's *Geography* (I BC-I AD) is a description of the ancient Afro-Eurasian world. Among the chorographies which compose the fifteen books of the work, it is in the last one that we observe the description of what we now call North and Northeast Africa and, chiefly, the report on Alexandria. Considering the approaches that can be made in the analysis of the text, the spatial one stands out for dialoguing with the thematic focus of the work: the geographic space. Thus, we consider that the instrumentalization of spatial concepts, such as “place”, by Yi-Fu Tuan (1983), and, particularly, “landscape”, by Tim Ingold (2000; 2015), can broaden the perspective on the historical source. Therefore, we approach the case of the city

¹ Doutoranda em História, Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGH-UFRN/Campus Natal); Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5472008719409280>; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5320-3958>; E-mail: alaide.ribeiro.017@ufrn.edu.br. Orientadora: Professora Doutora Marcia Severina Vasques. Membro do Projeto de Extensão MAAT (Grupo de Estudo de História Antiga).

of Alexandria to present how the interpretation of the text from the landscape is made.

KEYWORDS: Place; Landscape; Strabo; *Geography*; Alexandria.

1. Introdução

O conhecimento sobre o Mundo Antigo da Afroeurásia pode ser produzido a partir da análise de fontes históricas e arqueológicas. O estudo desses vestígios vem sendo realizado desde a Antiguidade², prosseguindo nos contextos classificados pela historiografia tradicional eurocêntrica como Idade Média, Modernidade e Contemporaneidade. As interpretações, no entanto, não permaneceram as mesmas, variando conforme a época, o espaço, os problemas, as dimensões, as abordagens e os domínios (BARROS, 2004, p. 18). A história dos espaços é uma das possíveis áreas de concentração que pode mediar a produção do conhecimento historiográfico. Nessa perspectiva os conceitos de espaço, lugar, território e paisagem ganham destaque. No que concerne ao estudo da Antiguidade, essa discussão pode ser desenvolvida a partir de objetos que são relacionados à ideia de conhecimento do espaço.

Nesse sentido, a *Geografia* de Estrabão (64 a.C.-24 d.C.) pode ser colocada em um lugar de relevância. Seu autor, um geógrafo originário da cidade de Amásia, no Ponto Euxino, Ásia Menor, atual Turquia, descendente de família aristocrática ligada à realeza local (DUECK, 2000, p. 1-6) e amigo de personagens de renome da estrutura administrativa romana (DUECK, 2000, p. 16), descreveu o mundo habitado (*oikoumene*) até a sua época³. O resultado da empreitada foi uma obra escrita em grego

² Haja vista os exemplos de Heródoto (*Histórias*), Políbio (*História Pragmática*) e Plínio, o Velho (*História Natural*).

³ Enuncio “até” a sua época e não “da” sua época porque muito do que Estrabão descreveu, os elementos que ele inseriu no discurso para compor o espaço, não está limitado temporalmente aos séculos I a.C. e I d.C. O escopo temporal da obra, apesar de ser majoritariamente alocado nessa transição do milênio, recua no tempo, o que denota uma natureza histórica (ANDREOTTI, 2009, p.139-140) ou a-histórica, especialmente, para o caso do relato acerca da Líbia (DESANGES, 2017, p. 102).

constituída por dezessete livros, cada um, à exceção dos dois primeiros⁴, contendo uma corografia⁵ de um território específico do orbe. A descrição do Egito, da Etiópia e da Líbia, os territórios que constituíam o espaço da África, foi feita no último livro da obra, organizado em três capítulos. É no capítulo 1 do livro 17 que encontramos a descrição de Alexandria (*Geografia*, 17, 1, 6-13), cidade fundada por Alexandre, o Grande, no século IV a.C., localizada à oeste do Delta do Nilo, às margens do mar mediterrâneo oriental.

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo de caso a partir da abordagem da história dos espaços, particularmente, uma interpretação baseada na aplicação do conceito de paisagem. Dessa forma, propomos pensar o caso da Alexandria construída discursivamente por Estrabão a partir da ideia de lugar do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983) e do conceito de paisagem do antropólogo Tim Ingold (2000; 2015). O propósito é analisar a descrição da cidade alexandrina considerando de que modo o lugar foi construído como uma paisagem tanto como uma série de paisagens. Assim, discutiremos a ideia de lugar e paisagem na *Geografia*, depois, como esses conceitos foram desenvolvidos na contemporaneidade e, por fim, analisaremos o caso de Alexandria. Examinaremos, portanto, o mais acurado e vívido guia produzido e disponível sobre o Egito romano (CAPPONI, 2011, p. 54).

2. Lugar e Paisagem

A ideia de espaço na *Geografia* de Estrabão pode ser trabalhada em diferentes níveis. O objetivo da obra, explícito na terminologia do título, “Γεωγραφικὰ”, é a descrição da terra, particularmente, o orbe habitado e as partes conhecidas da Terra (*Geografia*, 2, 5, 5). Destarte, parte-se de um espaço maior, a *oikoumene*, para outros menores aos quais são atribuídas denominações, como partes, continentes, países, províncias, territórios, lugares e paisagens. As categorias “espaço” e “lugar” estão relacionados à experiência humana em um meio ambiente (TUAN, 1983, p. v-vi).

⁴ Os livros 1 e 2 constituem a introdução da *Geografia* e são dedicados à retificação (*diorthose*), ao restabelecimento textual (*epanorthose*) da tradição geográfica anterior (ANDREOTTI, 2009, p. 135) e à explanação geral das três partes (Europa, Ásia e Líbia) que compõem a *oikoumene*.

⁵ Corografia (*chorographia*) é a descrição de um território (*chora*) específico.

Além disso, não podem ser definidas de forma isolada, pois “a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa.” (TUAN, 1983, p. 6). Dessa forma, pensar essas categorias na Antiguidade não deve ser compreendido como algo incoerente, particularmente, quando falamos de “lugar”, o qual está ligado à ideia de algo restrito, segurança, identidade ou identificação, um centro ao qual é atribuído um valor (TUAN, 1983, p. 3-4).

Discutir as ideias e os conceitos relacionados ao espaço na Antiguidade a partir da *Geografia* é focar a atenção, primeiro, nas formas linguísticas utilizados pelo geógrafo que, concatenadas, resultaram num discurso que produziu o lugar e a paisagem. Os termos mais recorrentes são *oikoumene*, *khora*, *topos* e *polis*. O primeiro pode ser definido como “terra habitada”. O segundo é polissêmico e pode ser definido tanto como espaço, zona, lugar, país, território, solo, sala, posição, lugar (de pessoa ou coisa), terra, Estado (LIDELL; SCOTT, 1996, p. 2015) e extensão (MASIP, 2008, p. 445). O terceiro e o quarto são específicos, significando, respectivamente, “lugar” e “cidade”. Com relação à paisagem podemos considerar que não há, na terminologia de Estrabão, o uso de tal termo. No entanto, é possível identificar algumas expressões que indicam uma preocupação com o olhar que abrange uma determinada extensão junto com os elementos do meio ambiente e humanos, como, por exemplo, a expressão “*ten opsin*” (*Geografia*, 17, 1, 35)⁶.

A definição de paisagem como a parte do ambiente natural ao redor do ser humano percebida visualmente, voltada, portanto, para uma qualificação e apreciação estética, não aparece antes dos séculos XVI e XVII (BEK, 2007, p. 199-200). Isto porque a paisagem, estabelecida, nomeada, mapeada, descrita e moldada pelo pensamento e imaginação em uma forma ideal, estaria relacionada ao encontro do funcional e do estético. Além disso é preciso considerar outros três fatores quando pensamos em paisagens: a visão humana, o objeto ou coisa vista e, por fim, aquilo

⁶ O termo pode ser traduzido por “aspecto, aparência, visão, vista”, conforme enunciado na edição inglesa da *Geografia* (WARMINGTON, 1967, p. 97). No entanto, na versão francesa, o termo “paisagem” aparece como a tradução da expressão “*τὴν ὄψιν*” (STRABON, 2015, p. 47).

que se coloca entre a visão e o objeto, contendo-os, o espaço (BEK, 2007, p. 200). Argumenta-se que o modo de ver predominante na Antiguidade foi o vertical, a apreensão imediata das coisas vistas próximas, pois, nessa perspectiva, “qualquer objeto irá se apresentar como se suspenso no campo vertical da visão” (BEK, 2007, p. 200-201). Isso significa que, na percepção de um objeto, apenas ele é visto, mais particularmente, a parte alcançada pelo observador. Assim, a visualização da paisagem resulta numa imagem que negligencia tanto as partes não vistas como a sua localização no espaço e a sua relação ao horizonte.

Dessa forma, argumenta-se que os sujeitos antigos não concebiam o ambiente natural em uma perspectiva de totalidade que envolvia tanto as formas dos objetos como a extensão espacial (BEK, 2007, p. 203). Essa perspectiva ecoa em alguns excertos da *Geografia* de Estrabão, particularmente, nos trechos em que o geógrafo segue um trajeto específico e, ao longo deste, apresenta, de forma resumida, o que é possível observar em cada lugar⁷. Percebe-se isso, por exemplo, quando o geógrafo enuncia que:

De Paretônio à Alexandria existem cerca de mil e trezentos estádios. No caminho, encontramos primeiro um promontório de terra branca chamado *Leukè Aktè*, depois o porto de Fenicos e a aldeia de Pnigeu, depois a ilha de Pedonia e o seu porto, depois Antifra, a uma distância muito curta do mar. (*Geografia*, 17, 1, 14, tradução nossa)⁸

Mas, apesar de considerar essa primazia da visão verticalizada e fragmentada, argumentamos que tal concepção sobre a percepção da paisagem não deve ser entendida como o único modo de visão na Antiguidade. Assim, consideramos profícuo pensar o discurso produzido pelo geógrafo a partir de uma ideia expandida de paisagem que se desdobra em outros conceitos.

⁷ Uma breve visão holística pode ser encontrada nos livros introdutórios quando Estrabão trata de delimitar e expor, de forma geral, os três continentes. Ao enfatizar a enunciação do espaço em um nível maior, os elementos que constituem as paisagens não são detalhados.

⁸ “ἀπὸ δὲ τοῦ Παραϊτονίου εἰς Ἀλεξάνδρειαν χίλιοι ποὺ καὶ τριακόσιοι στάδιοι. μετὰ δὲ πρῶτον μὲν ἄκρα λευκόγειος, Λευκὴ ἀκτὴ καλουμένη: ἔπειτα Φοινικοῦς λιμῆν καὶ Πνιγεὺς κώμη: εἶτα νῆσος Σιδωνία λιμένα ἔχουσα: εἶτ' Ἀντίφραι μικρὸν ἄπωτέρω τῆς θαλάττης”. O texto em grego deriva da edição da *Geografia* de Estrabão publicada em 1877 por A. Meineke.

A paisagem não deve ser restritamente compreendida como uma invenção burguesa, um objeto de contemplação totalizado pelo “olhar humano”, um produto ou trabalho finalizado (INGOLD, 1997, p. 29). Existe, semanticamente, uma ambiguidade do termo que pode ser compreendido tanto como o terreno da habitação humana (o viver na paisagem, o estar imerso nela) como a representação de um terreno (o perceber a paisagem porque se está fora dela)⁹.

Enfatiza-se a ideia do “habitar” a partir do debate sobre a paisagem como representação artística, isto é, como um quadro ou pintura. Nesse sentido, destaca-se o processo de invenção da paisagem compreendida como uma forma de habitar o mundo (INGOLD, 1997, p. 30-31). Assim, argumenta-se que a vida humana é um processo que envolve a passagem do tempo e esse mesmo processo é o processo de formação de paisagens nas quais as pessoas viveram (INGOLD, 2000, p. 189). Dessa forma, ao “tempo” é associado à ideia de paisagem, dotando-a de temporalidade¹⁰. Essa abordagem supera a oposição que define a paisagem como um elemento natural, neutro e externo às atividades humanas ou como uma ordenação simbólica, particular e cognitiva do espaço. A paisagem deve ser compreendida como um registro e testemunho duradouro das vidas e trabalhos das gerações passadas que habitaram nela (INGOLD, 2000, p. 189). Por conseguinte, sobrevém a ideia de “paisagem-trabalho” que explicita como a temporalidade se insere no padrão de atividades da habitação¹¹ (INGOLD, 2000, p. 190).

Uma paisagem deve ser compreendida como qualitativa e heterogênea, um *plenum* (INGOLD, 2000, p. 190-191). Os elementos que a integram não devem ser compreendidos como fronteiras *per se*, mas podem ser experienciadas como tais a partir do desenvolvimento das atividades cotidianas das pessoas ou dos animais

⁹ A dicotomia pode ser explicitada com o uso de outra analogia, a do pintor e a do etnógrafo, pois “ambos lidam com o mesmo dilema de ter que prestar uma conta, de forma objetiva, na forma da ‘terceira pessoa’, de uma experiência adquirida através do envolvimento subjetivo, em primeira pessoa.” (INGOLD, 1997, p. 30). É possível perceber a ênfase da “experiência” (TUAN, 1983) na definição dos conceitos.

¹⁰ Essa temporalidade é social e não cronológica, isto é, ela está relacionada às performances das pessoas em suas tarefas e da relação delas com outras pessoas (INGOLD, 2000, p. 196).

¹¹ Dito de outro modo, a paisagem-trabalho é um arranjo de atividades relacionadas (INGOLD, 2000, p. 195).

(INGOLD, 2000, p. 192). Dessa forma, a “paisagem é o mundo como é conhecido para aqueles que habitam nele, que habitam seus lugares e percorrem os caminhos que o conecta.” (INGOLD, 2000, p. 193). Falar de paisagens também é falar sobre o processo de geração de formas. É fazer emergir um arranjo de elementos relacionados (INGOLD, 2000, p. 195). A paisagem, nesse sentido, nunca está completa, mas perpetuamente em construção no processo de habitação. É uma forma “congelada” da paisagem-trabalho, o que vemos e ouvimos ao nosso redor (INGOLD, 2000, p. 199).

Posteriormente, além dos conceitos “paisagem” e “paisagem-trabalho”, sucede a ideia de “mundo-tempo”, uma percepção mais holística que articula, na paisagem, a experiência do aspecto atmosférico. Nesse sentido, “o tempo engole a paisagem, assim como a visão das coisas é engolida pela experiência da luz, a audição das coisas pela experiência do som, e o tato das coisas pela experiência do sentir.” (INGOLD, 2015, p. 201). Dessa forma, a paisagem, na forma de mundo-tempo, não se limita a uma imagem congelada. É uma forma que articula superfície terrestre, atmosfera, habitação, animais, coisas animadas e inanimadas. Diante do exposto, vejamos a aplicação dessa perspectiva na *Geografia* de Estrabão, particularmente, na análise da descrição de Alexandria, a cidade que dominou o Mediterrâneo oriental em termos políticos, culturais e econômicos por mais de seis séculos (BOWMAN, 1986, p. 204).

3. O caso de Alexandria

A descrição de Alexandria ocupa oito seções do primeiro capítulo do livro 17, respectivamente, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13. Outras menções são feitas ao longo do livro e nas demais corografias. A extensão da descrição é explicada por Estrabão, para quem “Alexandria e suas cercanias representam a maior e mais importante parte desta empreitada” (*Geografia*, 17, 1, 6, tradução nossa)¹². Considerando que o lugar constitui o objeto de estudo do geógrafo (TUAN, 1983, p. 3), a pólis alexandrina é o primeiro lugar apresentado por Estrabão na descrição do Egito. A primazia do centro urbano

¹²“ἐπεὶ δὲ τὸ πλεῖστον τοῦ ἔργου τούτου καὶ τὸ κυριώτατον ἡ Ἀλεξάνδρεια ἐστὶ καὶ τὰ περὶ αὐτὴν”.

autogovernado e com instituições próprias (SNAPE, 2014, p. 202) pode ser considerada quando imergimos na vida pessoal de Estrabão. Sabe-se que ele acompanhou o segundo prefeito do Egito¹³, Élio Galo (26-25 a.C.), durante uma expedição pelo território egípcio e que permaneceu em Alexandria durante as primeiras décadas do domínio romano (BOWMAN, 1986, p. 205), por volta de 26 a 23 a.C. (CAPPONI, 2010, p. 183). Dessa forma, podemos argumentar que a descrição de Estrabão deriva de uma experiência pessoal pautada na habitação, processo que pode ser identificado no texto por meio de expressões discursivas.

A descrição inicial é caracterizada pela linguagem do périplo. Os *periploi* apresentam informações práticas acerca dos lugares situados nas rotas marítimas ao longo do litoral, como o nome de portos, distâncias, direções e dados relacionados à topografia, fauna, flora, história e etnografia (DUECK, 2012, p. 7)¹⁴. Estrabão delimita e caracteriza o litoral alexandrino de maneira semelhante ao sujeito que chega à cidade via mar. Assim,

de lá [*da boca Canópica*] para a ilha de Faros ainda há outros cento e cinquenta estádios. Faros é uma ilhota oblonga próxima ao continente que forma com este um porto com duas bocas. A costa, de fato, parece uma baía graças a dois promontórios que avançam sobre o mar, entre os quais se situa a ilha que fecha assim essa baía porque ela se estende longitudinalmente e paralelamente a ela. (*Geografia*, 17, 1, 6, tradução e grifo nosso)¹⁵

O primeiro conjunto de elementos denotam uma paisagem alexandrina litorânea. Ressalta-se a menção à Faros e, posteriormente, ao primeiro edifício relacionado às atividades marítimas desenvolvidas no local: a torre de Faros. O farol, homônimo da ilha e emblema da cidade (SNAPE, 2014, p. 216), é descrito como uma torre com vários andares, construída em mármore branco, erigida pelo arquiteto

¹³ O prefeito, ordem equestre, era responsável pela coleta de impostos e pelo comando de legiões, assim, combinando funções fiscais, militares e judiciais (BRUNT, 1975, p. 124-128).

¹⁴ Essa trajetória também se aplica ao interior dos territórios quando existem rios. A descrição do Egito, para além do seu litoral mediterrânico, pode ser considerada um exemplo dessa linguagem, já que Estrabão descreve o território seguindo o curso norte-sul do rio Nilo.

¹⁵ “ἐντεῦθεν δ’ ἐπὶ Φάρον τὴν νῆσον ἄλλοι στάδιοι πενήκοντα πρὸς τοῖς ἑκατόν. ἡ δὲ Φάρος νησίον ἐστὶ παράμηκες, προσεχέστατον τῆ ἡ πείρω, λιμένα πρὸς αὐτὴν ποιῶν ἀμφίστομον. ἦν γὰρ ἐστὶ κολπώδης, ἄκρας εἰς τὸ πέλαγος προβεβλημένη δύο: τούτων δὲ μεταξὺ ἡ νῆσος ἴδρυται κλειούσα τὸν κόλπον, παραβέβληται γὰρ αὐτῷ κατὰ μῆκος”.

Sóstrato de Cnido, “para a proteção dos marinheiros, como diz a inscrição” (*Geografia*, 17, 1, 6, tradução nossa)¹⁶, isto é, para que aqueles que vêm do alto mar alcancem a entrada do porto com segurança, tendo em vista os baixios e recifes. Também é válido considerar que, nessa passagem, Estrabão identifica e faz o registro das atividades cotidianas do lugar, tanto no passado como no seu próprio tempo. A configuração espacial é completada com a adição de portos e do *Heptastadio*, uma passagem que liga Faros ao continente¹⁷, denotando o potencial da cidade para o comércio marítimo (BOWMAN, 1986, p. 204).

Alexandria foi fundada em 7 de abril de 331 a.C. (CAPPONI, 2011, p. 52). Conta-se que, Alexandre, o Grande, escolheu o lugar pelas vantagens climáticas (ABDELWAHED, 2015, p. 11). Estrabão, assim como outros autores que descreveram a cidade¹⁸, enuncia que Alexandre escolheu o local em razão das suas vantagens naturais. Mas apesar de a anedota do traçado da fundação da cidade estar inserida no discurso¹⁹, Estrabão enfatiza os aspectos geográficos e o porquê da pólis ser considerada um lugar vantajoso, corroborando para com o desenvolvimento econômico e a riqueza da cidade. Ele afirma que:

O território é banhado por dois mares, um ao norte chamado mar do Egito, outro ao sul, o lago Marea, também chamado Mareótis. O Nilo flui por muitos canais, tanto ao sul quanto dos lados, através dos quais transitam um volume de importações muito mais importante do que o que chega pelo mar, de modo que o porto lacustre é, de fato, mais rico que o porto marítimo; [...]. Além da riqueza das mercadorias que chegam dos dois lados, no porto marítimo e no porto lacustre, a qualidade do clima também merece destaque, uma vez que é o resultado da presença de dois mares e da oportunidade da enchente do Nilo. [...] Mas em Alexandria,

¹⁶ “ὡς φησιν ἡ ἐπιγραφὴ”. O enunciado é interessante porque denuncia as fontes de informação utilizadas por Estrabão que estão, de um modo indireto, relacionadas à experiência pessoal do geógrafo no lugar que descreve.

¹⁷ Estrabão (*Geografia*, 17, 1, 6) enuncia que essa passagem também funcionava como um aqueduto quando a ilha era habitada, situação que se modifica com o “deus César” que, na guerra contra os alexandrinos, devastou a ilha, a qual permanece sendo ocupada no período de habitação do geógrafo apenas por alguns marinheiros. Essas comparações entre períodos continuam ao longo da seção, particularmente, com o episódio da fundação da cidade.

¹⁸ Como, por exemplo, Plutarco (46-120 d.C.) em *Vidas Paralelas (Vida de Alexandre)*.

¹⁹ “os arquitetos estavam marcando o contorno do recinto quando o giz acabou quando o rei chegou; seus administradores, então, forneceram-lhes parte da farinha dos grãos de cevada destinada aos trabalhadores, graças à qual puderam cortar a superfície em uma rede bastante densa de ruas; eles teriam, portanto, interpretado esse fenômeno como um bom presságio.” (*Geografia*, 17, 1, 6, tradução nossa).

quando o Nilo enche no início do verão, ele também enche o lago e não deixa nenhuma área pantanosa que possa provocar essa exalação ruim. Ao mesmo tempo, os ventos de verão também sopram do norte e do mar aberto, de modo que os alexandrinos desfrutam de uma vida muito agradável no verão. (*Geografia*, 17, 1, 7, tradução nossa)²⁰

A cidade é predominantemente marítima, privilegiada pelos portos naturais, pelo lago Mareótis e pela comunicação com o interior por meio do Nilo (SNAPE, 2014, 207). Estrabão considera os aspectos climáticos e atmosféricos de um determinado mundo-tempo de Alexandria, os quais são captados pelos sentidos do geógrafo em sua autópsia²¹ e por aqueles que habitam o lugar cotidianamente. Os aspectos econômicos também são inseridos na paisagem, denotando uma paisagem-trabalho. Em vista dessas características podemos concluir que os romanos e os alexandrinos não estavam separados geograficamente ou comercialmente da *kehora*, isto é, do restante do Egito (ABDELWAHED, 2015, p. 7), haja vista os ventos favoráveis e toda a rede hidrográfica que integrava o território.

Destacadas as vantagens que dizem respeito aos aspectos geográficos próprios do local em que se situa a cidade e os elementos que indicam a realização de determinadas atividades comerciais e navais, portanto, uma paisagem-trabalho, Estrabão se volta para a organização espacial da cidade. Alexandria, a segunda maior cidade do Mediterrâneo (CLÍMACO, 2012, p. 104) e a maior do Egito (ROWLANDSON, 2010, p. 237), é descrita como possuindo a forma de uma clâmide,

²⁰ “ἀμφικλυστόν τε γὰρ ἐστὶ τὸ χωρίον δυοῖ πελάγεσι, τῷ μὲν ἀπὸ τῶν ἄρκτων τῷ Αἰγυπτίῳ λεγομένῳ τῷ δὲ ἀπὸ μεσημβρίας τῷ τῆς λίμνης τῆς Μαρεΐας ἢ καὶ Μαρεῶτις λέγεται: πληροὶ δὲ ταύτην πολλαῖς διώρουζιν ὁ Νεῖλος ἄνωθεν τε καὶ ἐκ πλαγίων, δι’ ὧν τὰ εἰσκομιζόμενα πολλῶ πλειῶ τῶν ἀπὸ θαλάττης ἐστὶν ὥσθ’ ὁ λιμὴν ὁ λιμναῖος ὑπῆρχε πλουσιώτερος τοῦ θαλαττίου [...] πρὸς δὲ τῷ πλούτῳ τῶν καταγομένων ἐκατέρωσε εἰς τε τὸν κατὰ θάλατταν λιμένα καὶ εἰς τὸν λιμναῖον καὶ τὸ εὐάερον ἄξιον σημειώσεως ἐστίν, ὃ καὶ αὐτὸ συμβαίνει διὰ τὸ ἀμφικλυστόν καὶ τὸ εὐκαιρὸν τῆς ἀναβάσεως τοῦ Νεῖλου. [...] ἐν Ἀλεξανδρείᾳ δὲ τοῦ θέρους ἀρχομένου πληρούμενος ὁ Νεῖλος πληροὶ καὶ τὴν λίμνην καὶ οὐδὲν ἔῃ τελματῶδες τὴν ἀναφορὰν ποιῆσον μοχθηράν: τότε δὲ καὶ οἱ ἐτησίαι πνέουσιν ἐκ τῶν βορείων καὶ τοῦ τοσοῦτου πελάγους, ὥστε κάλλιστα τοῦ θέρους Ἀλεξανδρεῖς διάγουσιν.” O argumento sobre as virtudes ou vantagens de Alexandria é retomado em uma seção posterior de forma resumida: “A principal vantagem da cidade reside no fato de ser o único local no Egito cuja situação natural é duplamente favorável: ao comércio marítimo graças aos seus bons portos, e ao comércio interno por causa do rio que permite transportar com facilidade todo tipo de mercadorias e reuni-las em tal lugar, que é justamente o principal porto comercial do mundo habitado.” (*Geografia*, 17, 1, 13, tradução nossa).

²¹ O mesmo que “inspeção pessoal” (DUECK, 2000, p. 186). A autópsia é um elemento presente na historiografia grega relacionado à apreensão do real por testemunho ocular ou pela participação do sujeito nos acontecimentos que relata (SEBASTIANI, 2016, p. 31).

com ruas largas o suficiente para o tráfego de cavalos e carruagens, dentre as quais se destacam duas²² de mais de um pletro²³ de largura que se cruzam em ângulo reto.

A descrição topográfica feita por Estrabão foi a primeira do tipo a sobreviver (ABDELWAHED, 2015, p. 11). Mais do que um exame do traçado urbano viário, o geógrafo construiu a paisagem da cidade enfatizando os espaços públicos e os palácios reais, os quais “constituem um quarto ou um terço da superfície total” (*Geografia*, 17, 1, 8, tradução nossa)²⁴. São registrados os palácios em contato com a área do porto e com a zona extra portuária, o *Mousetion* ou Templo das Musas, instituição científica e religiosa que compreendia uma das bibliotecas de Alexandria²⁵ e reunia os estudiosos alexandrinos, os quais eram exportados para Roma para servirem como tutores (CAPPONI, 2010, p. 181), e o *Sema*, local dos túmulos reais e onde Alexandre, o Grande, foi sepultado.

Depois de citar cada lugar, as atividades e funções realizadas cotidianamente, Estrabão explicita o ordenamento dos mesmos, enunciando, novamente, uma paisagem litorânea alexandrina marcada pelos estabelecimentos da realeza. Ele enuncia que:

Na entrada do Grande Porto encontramos, à direita, a ilha de Faros e sua torre, e, do outro lado, os recifes e o cabo Loquias comportando um palácio. Quem chega de barco vê, à sua esquerda, os palácios interiores seguindo aquele do Loquias, onde encontramos muitas residências e jardins de todos os tipos. Abaixo está o porto artificial e que pode ser fechado para uso privado da família real, bem como Antirrodes, uma ilhota localizada em frente ao porto artificial que atua tanto como residência real e como um pequeno porto (*Geografia*, 17, 1, 9, tradução nossa)²⁶

²² A rua Canópica, no sentido oeste-leste, e a rua *Soma*, que se estendia do porto oriental ao porto do Lago Mareótis (SNAPE, 2014, p. 210).

²³ Aproximadamente 30 metros.

²⁴ “τέταρτον ἢ καὶ τρίτον τοῦ παντὸς περιβόλου μέρος”.

²⁵ A segunda biblioteca de Alexandria estava localizada no *Serapeum*, o Templo de Serápis (CAPPONI, 2011, p. 59).

²⁶ “ἔστι δ’ ἐν τῷ μεγάλῳ λιμένι κατὰ μὲν τὸν εἰσπλουν ἐν δεξιᾷ ἡ νῆσος καὶ ὁ πύργος ὁ Φάρος, κατὰ δὲ τὴν ἐτέραν χεῖρα αἱ τε χοιράδες καὶ ἡ Λοχιάς ἄκρα ἔχουσα βασιλεῖον. εἰσπλεύσαντι δ’ ἐν ἀριστερᾷ ἔστι συνεχῆ τοῖς ἐν τῇ Λοχιάδι τὰ ἐνδοτέρω βασιλεῖα, πολλὰς καὶ ποικίλας ἔχοντα διαίτας καὶ ἄλλα: τούτοις δ’ ὑπόκειται ὁ τε ὀρυκτὸς λιμὴν καὶ κλειστός, ἴδιος τῶν βασιλέων, καὶ ἡ Ἀντίρροδος νησίον προκείμενον τοῦ ὀρυκτοῦ λιμένος, βασιλεῖον ἄμα καὶ λιμένιον ἔχον”.

Após a explanação que segue as mesmas características discursivas das seções anteriores, acrescentando-se elementos de flora, o geógrafo continua elencando os demais edifícios e construções na área do Grande Porto: o teatro, o *Poseideion*, o *Cesareion*, o Empório, os armazéns e os estaleiros próximos ao *Heptastadio*. Depois desta, o porto Eunostos, o porto artificial, nomeado Ciboto, e seus estaleiros.

Apesar de focar na paisagem costeira, a descrição não separa os lugares, pois os mesmos são integrados: “Dentro do porto há um canal navegável que flui até o lago Mareótis.” (*Geografia*, 17, 1, 10, tradução nossa)²⁷. Além do canal, o geógrafo situa uma pequena área que pertence à pólis e apresenta os elementos que constituem a mesma: o subúrbio da Necrópole com jardins, sepulturas e instalações para o embalsamamento dos mortos, o *Serapeum* e outros recintos sagrados. De forma geral, compreende-se a afirmação do geógrafo quando ele enuncia que “a cidade é cheia de monumentos públicos e templos: o mais belo deles é o ginásio, com longos pórticos de mais de um estádio, seu tribunal e seus bosques sagrados.” (*Geografia*, 17, 1, 10, tradução nossa)²⁸. Esses elementos não são inovação romana, pois os vários templos e santuários se desenvolveram desde o início do período ptolomaico com a celebração de divindades gregas, egípcias ou greco-egípcias (BOWMAN, 1986, p. 216), emaranhadas. Mas um dos lugares de destaque na paisagem é o hipódromo, pois se estende ao longo do canal Canópico e pode ser considerado um “marco”, isto é, um componente espacial e arquitetônico da cidade (ABDELWAHED, 2015, p. 10) que delimita Alexandria de Nicópolis, portanto, uma fronteira.

É possível afirmar que Estrabão seleciona os elementos que constituem a paisagem, deixando de lado outros que, na sua perspectiva, não são dignos de registro e, dessa forma, não constituem a paisagem. Considerando as distintas percepções da paisagem, não devemos excluir a ideia de que, na Antiguidade, predomina um modo de vista verticalizado em que os objetos não são vistos em conjunto (BEK, 2007, p. 200-201). Esse modo de ver pode ser identificado na descrição do geógrafo,

²⁷ “ἐνδοτέρω δὲ τοῦτου διῶρυξ πλωτὴ μέχρι τῆς λίμνης τεταμένη τῆς Μαρεώτιδος”.

²⁸ “ἡ πόλις μεστὴ ἐστὶν ἀναθημάτων καὶ ἱερῶν: κάλλιστον δὲ τὸ γυμνάσιον μείζους ἢ σταδία εἶχον τὰς στοάς”

particularmente, na paisagem litorânea em que cada elemento é visto de forma particular e em sequência. No entanto, uma outra passagem merece destaque.

Há também o Paneu, uma elevação cônica erigida pela mão do homem, parecida com uma colina rochosa e que é acessada por um caminho em espiral; *do seu cume desfrutamos de um panorama de toda a cidade que se estende por baixo.* (*Geografia*, 17, 1, 10, tradução e grifo nosso)²⁹

Percebe-se que Estrabão opera uma inversão na percepção da paisagem ao considerar Alexandria como um todo, vista a partir de um local que possibilita uma maximização do olhar, mesmo sem a distinção particular dos elementos que compõe essa paisagem. Portanto, podemos considerar que o modo de vista predominante nesta passagem específica é a horizontalidade.

Depois de uma seção que, notadamente, pode ser considerada uma digressão histórica³⁰, Estrabão apresenta os dados etnográficos da população que habita a cidade. Ele afirma que uma das três legiões militares romanas estabelecidas no Egito está estacionada em Alexandria³¹, junto com três coortes de infantaria das nove existentes que estavam espalhadas pelo território. A *Geografia* é a primeira fonte que menciona as unidades auxiliares na guarnição romana do Egito (POLLARD, 2010, p. 454). Essa menção às forças militares ou autoridades romanas evidencia como a paisagem alexandrina – e de, certa forma, a do Egito romano – explicita a solidificação do controle da província (ABDELWAHED, 2015, p. 7)³². A inserção desses elementos na paisagem denota um contexto administrativo e político da província, pois as tropas estavam distribuídas por todo o Império Romano. Mas, no caso do Egito, em razão da relativa situação de ordem social, as legiões e as coortes cumpriam

²⁹ “ἔστι δὲ καὶ Πάνειον, ὕψος τι χειροποίητον στροβιλοειδὲς ἐμπερὲς ὄχθῳ πετρῶδει διὰ κοχλίου τὴν ἀνάβασιν ἔχον· ἀπὸ δὲ τῆς κορυφῆς ἔστιν ἀπιθεῖν ὅλην τὴν πόλιν ὑποκειμένην αὐτῷ πανταχόθεν.”

³⁰ A *Geografia* de Estrabão possui uma natureza histórica, isto é, ao longo da descrição existem digressões históricas que dialogam, particularmente, com a nova realidade ecumênica romana (ANDREOTTI, 2009, p. 143). A seção 11 é exemplar, pois é dedicada à genealogia da dinastia ptolomaica até a conquista de Augusto.

³¹ Essa legião, situada em Alexandria segundo Estrabão, de fato, estava estacionada em Nicópolis (POLLARD, 2010, p. 453).

³² No entanto, cabe considerar que esse controle não se deu apenas com a presença militar, mas também pela urbanização (ABDELWAHED, 2015, p. 7), o que, por um lado, não é enfatizado por Estrabão na descrição da cidade, pois o geógrafo somente destaca alguns edifícios, como o teatro e o hipódromo, em detrimento das novas construções em Nicópolis que diminuiriam o papel central da área dos palácios ptolomaicos (BOWMAN, 1986, p. 207).

o papel de policiamento interno e supervisão dos interesses de Roma (POLLARD, 2010, p. 452).

Alexandria foi uma cidade fundada e concebida a partir dos critérios e de uma forma de governo que não eram egípcios (DAVOLI, 2010, p. 351). Esse caráter helênico deve ser considerado, pois as paisagens que são constituídas no discurso por Estrabão, nesse lugar, diferem das cidades e metrópoles egípcias da *kehora*. Nesse sentido, com relação à administração da pólis, ele menciona uma série de agentes específicos que atuavam antes do domínio romano. São eles:

o *exegeta*, que veste púrpura, goza de privilégios ancestrais e se encarrega das necessidades da cidade, o *hipomnematógrafo* (secretário encarregado do registro dos arquivos), o *arquidicastes* (chefe da justiça) e, em quarto lugar, o comandante da guarda noturna (*nykterinosstrategos*). (*Geografia*, 17, 1, 12, tradução nossa)³³

De acordo com Estrabão, esses cargos já existiam antes do domínio romano, mas suas ações não eram efetivas em razão da má administração lágida. O discurso atribuído à administração ptolomaica um aspecto negativo em contraposição à administração romana. Podemos considerar essa visão como consequência dos eventos ocorridos desde o século II a.C. que marcaram o domínio ptolomaico no Egito: as brigas dinásticas, a resistência dos nativos egípcios ao poder estrangeiro e uma economia estagnada (CLÍMACO, 2012, p. 105). Não obstante os conflitos, Alexandria se tornou o eixo administrativo do Egito durante o período ptolomaico e continuou a sê-lo nos períodos romano e bizantino (BOWMAN, 1986, p. 205).

Por fim, um aspecto considerado digno de registro é a apresentação dos habitantes da cidade. Apropriando-se de Políbio³⁴, o geógrafo enuncia que a cidade é habitada por três grupos: a população egípcia nativa, agitada e não civilizada; os mercenários; e os alexandrinos que, mesmo não respeitando a ordem social, são

³³ “τῶν δ’ ἐπιχωρίων ἀρχόντων κατὰ πόλιν μὲν ὅτε ἐξηγητῆς ἔστι, πορφύραν ἀμπεχόμενος καὶ ἔχων πατρίους τιμὰς καὶ ἐπιμέλειαν τῶν τῇ πόλει χρησίμων, καὶ ὁ ὑπομνηματογράφος καὶ ὁ ἀρχιδικαστής, τέταρτος δὲ ὁ νυκτερινὸς στρατηγός.”. Dentre outros que atuavam em todo o território estavam o *epistrategoí*, o supervisor de um grupo de nomos, e o *grapheion*, responsável pela manutenção dos arquivos resultantes das atividades da burocracia administrativa (CAPPONI, 2010, p. 183).

³⁴ Políbio (203-120 a.C.), general de origem grega que atuou a serviço de Roma e produziu a obra *História Pragmática*.

4. Conclusão

A *Geografia* de Estrabão é uma fonte profícua para se conhecer o Egito romano (30 a.C.-395 d.C.), particularmente, sob o principado de Augusto (27 a.C.-14 d.C.). A descrição de Alexandria, uma das pólis gregas edificadas no território egípcio, configura-se em um relato que resulta tanto do conhecimento construído sobre o lugar por historiadores e geógrafos gregos, helenísticos e romanos anteriores à Estrabão como de sua própria autópsia. A exploração desse aspecto relacionado à experiência pessoal do sujeito que empreende uma apreensão visual, ora vertical ora horizontal, é uma chave de leitura essencial no debate acerca da produção espacial do lugar, concretizado no discurso, e compreendido como paisagem.

Consideramos que a noção de paisagem não deve ser limitada a um determinado período histórico. O conceito pode e deve ser instrumentalizado para a produção de conhecimento historiográfico sobre a Antiguidade. Nesse sentido, cabe ressaltar o uso de uma definição de paisagem desenvolvida de modo a incluir vários elementos que complexificam a “imagem” que é comumente percebida como natureza ou como obra da mente. Além disso, destacam-se os demais níveis de apreensão do mundo definidos pelas ideias de paisagem-trabalho e de mundo-tempo. A paisagem de Alexandria não é uma paisagem finalizada, mas em construção conforme Estrabão se movimenta e habita a cidade. De fato, podemos falar em mais de uma paisagem alexandrina: uma litorânea marcada por elementos que denotam uma atmosfera marítima e comercial e uma mais urbanizada evidenciada pelos edifícios que constituíam o centro da administração, religiosidade e intelectualidade local.

Essas paisagens alexandrinas enfatizam os aspectos geográficos como a hidrografia e o clima, os aspectos socioeconômicos relativos à administração, atividades, os costumes e locais específicos como portos, palácios e templos. Portanto, Alexandria é construída como um lugar histórico, mas sua construção também deve ser compreendida no processo social de habitação, de formação de paisagem. Ela é denotada por uma constante interação dos povos entre si e com o

meio natural e atmosférico que os envolve, abrangendo a dimensão físico-espacial, considerando o plano da cidade, sua organização em bairros, seus prédios e jardins. Soma-se a isso, por fim, os aspectos subjetivo e sensorial resultantes das experiências de Estrabão.

REFERÊNCIAS

- ABDELWAHED, Youssri. City Layout, Urban Space, and Public Buildings. In: ABDELWAHED, Youssri. **Egyptian Cultural Identity in the Architecture of Roman Egypt (30 BC-AD 325)**. Oxford: Archaeopress, 2015, p. 10-48.
- ANDREOTTI, Gonzalo. La naturaleza histórica de la Geografía de Estrabón. **Euphrosyne**. Lisboa, n. 37, 2009, p. 131-144.
- BARROS, José D'Assunção. Os Campos da História – uma introdução às especialidades da História. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 16, dez. 2004, p. 17-35.
- BEK, Lise. Sight, object, space. The notion of landscape in Antiquity as a functional or an aesthetic category. HALLAGER, Erik; JENSEN, Jesper (Ed.). **Proceedings of the Danish Institute at Athens**. v. V, Athens, 2007, p. 199-212.
- BOWMAN, Alan. Alexandria, Queen of the Mediterranean. In: BOWMAN, Alan. **Egypt after the pharaohs. 332 BC-AD642 from Alexander to the Arab Conquest**. USA: University of California Press, 1986, p. 203-233.
- BRUNT, Peter. A. The Administrators of Roman Egypt. **The Journal of Roman Studies**. V. 65, 1975, p. 124-147.
- CAPPONI, Livia. The Roman Period. In: LLOYD, Alan (Ed.). **A companion to Ancient Egypt**. Volume I. USA, UK: Wiley-Blackwell, 2010, p. 180-198.
- CAPPONI, Livia. Alexandria. In: CAPPONI, Livia. **Roman Egypt**. USA, UK: Bristol Classical Press, 2011, p. 52-62.
- CLÍMACO, Joana Campos. Alexandria no século I a.C.: uma ameaça a Roma no Mediterrâneo? **Mare Nostrum**. São Paulo, v. 3, n. 3, 2012, p. 104-114.
- CRUZ-URIBE, Eugene. Social Structure and Daily Life: Graeco-Roman. In: LLOYD, Alan (Ed.). **A Companion to ancient Egypt**. USA: Blackwell, 2010, p. 491-506.
- DAVOLI, Paola. Settlements – Distribution, Structure, Architecture: Graeco-Roman. In: LLOYD, Alan (Ed.). **A companion to Ancient Egypt**. Volume I. USA, UK: Wiley-Blackwell, 2010, p. 350-369.

DESANGES, Jehan. Strabo's Libya. In: DUECK, Daniela (Ed.). **The Routledge Companion to Strabo**. London, New York: Routledge, 2017, p. 102-110.

DUECK, Daniela. **Strabo of Amasia**. A Greek Man of Letters in Augustan Rome. London; New York: Routledge, 2000.

DUECK, Daniela. Introduction. In: DUECK, Daniela. **Geography in Classical Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 1-19.

INGOLD, Tim. The picture is not the terrain. Maps, paintings, and the dwelt-in world. **Archaeological Dialogues**, vol. 4, n° 1, Cambridge, Cambridge University Press, may, 1997, p. 29-31.

INGOLD, Tim. The temporality of landscape. In: INGOLD, Tim. **The Perception of environment**. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Routledge, 2000, p. 189-208.

INGOLD, Tim. **Estar vivo**. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

LIDELL, Henry; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MASIP, Vicente. **Manual introdutório ao grego clássico para falantes de português**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

POLLARD, Nigel. Military Institutions and Warfare: Graeco-Roman. In: LLOYD, Alan (Ed.). **A companion to Ancient Egypt**. Volume I. USA, UK: Wiley-Blackwell, 2010, p. 446-466.

ROWLANDSON, Jane. Administration and Law: Graeco-Roman. In: LLOYD, Alan (Ed.). **A companion to Ancient Egypt**. Volume I. USA, UK: Wiley-Blackwell, 2010, p. 237-254.

SEBASTIANI, Breno Battistin. **Políbio: História Pragmática**, livros I a IV. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2016.

SNAPE, Steven. Graeco-Roman Egypt. In: SNAPE, Steven. **The Complete Cities of Ancient Egypt**. London: Thames & Hudson, 2014.

STRABO. **Geographica**. Editor A. Meineke. Leipzig: Teubner, 1877.

STRABON. **Géographie**. Tome XIV. Livre XVII. 1^a partie. L'Égypte et l'Éthiopie Nilotique. Traduit par Benoît Laudenbach. Paris: Les Belles Lettres, 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**. A perspectiva da Experiência. São Paulo: Difel, 1983.

WARMINGTON, E. (Ed.) **The Geography of Strabo, VIII**. The Loeb Classical Library, Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1967.